

## RENOVAR O TEATRO

Lohanny Rezende da Silva <sup>1</sup>, Priscila da Costa e João Vitor França <sup>2</sup>, José Ronaldo Faleiro<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Teatro - PROBIC/UDESC

<sup>2</sup> Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Teatro – CEART

<sup>3</sup> Orientador, Departamento de Artes Cênicas CEART – [jrfalei@gmail.com](mailto:jrfalei@gmail.com)

Palavras-chave: Jacques Copeau. Formação do ator.

O presente resumo tem por objetivo apresentar princípios de Jacques Copeau (1879-1949), mormente contidos na obra *Apelos* (coleta e estabelecimento de texto por Marie Hélène Dasté e Suzane Maistre Saint-Denis; notas de Claude Sicard; tradução e apresentação de José Ronaldo Faleiro. São Paulo: Perspectiva, 2013). Acompanhado de discussões sobre o contexto em que surgiu e sobre a importância dessa iniciativa para o desenvolvimento do teatro ocidental na primeira metade do século XX, e para a sua irradiação no teatro contemporâneo, o levantamento bibliográfico serviu de base a considerações sobre a teoria e a prática teatral e ao estudo e interrogação relativas a temas como “improvisação”, “palco vazio”, “interpretação das obras dramáticas do passado”, “estímulo a novas criações”, “relação entre autor/ator/encenador”, “a crítica no teatro”, “encontros de criadores”. De fato, ao constatar a necessidade de eliminar excessos e deficiências do teatro do início do século XX (ele funda a sua companhia, o Vieux Colombier, em 1913), Copeau assinala a necessidade de dar condições às atrizes e aos atores para a elaboração de uma poética de renovação. Embora não quisesse mantê-los “nas fronteiras do drama e da dança” (*Apelos*, p 85), embora fosse cultor da palavra e de autores como Shakespeare e Molière, Copeau pregava uma redescoberta do corpo, da gestualidade, da ação “sincera”, da “simplicidade”, em que os membros da sua equipe trabalhassem como um coro, uma “orquêstica”. Não se trataria, porém, “para reencontrar essa simplicidade vívida” (p. 94), de ensinar aos jovens artistas uma nova técnica, mas, sobretudo, de propiciar que voltassem a ser “seres humanos”, segundo a sua expressão (p. 94). O rigor de sua pesquisa, a abnegação quase monástica que exigia de seus discípulos, o apelo à juventude para o renascimento do teatro levaram Copeau a uma reformulação poética, ética e estética que contribuiu para a discussão dos mais variados setores da experiência teatral. Tinha o intuito de despojar a cena de seus entraves, pois ela “é o instrumento do criador dramático”, “o lugar do drama, não o dos cenários e das máquinas”, já que “pertence aos atores, não aos maquinistas e aos pintores”, e, portanto, “deve estar sempre pronta para o ator e para a ação” (p.169). Numa época em que está tão presente a utilização dos meios audiovisuais no teatro, essas palavras podem fazer sorrir, ou soar como uma provocação. Entre o hoje e o ontem, ponderava ele que “é fácil minar as tradições do passado. Difícil é criar uma tradição nova, uma escola, um estilo, algo que tenha direito à vida e que mereça ser continuado” (p. 102). Assim, os posicionamentos copelianos fecundam a reflexão atual sobre o fenômeno cênico e incitam a seguir em frente, no caminho do pensamento e da experiência do e no teatro.